

A SENHORA DAS ÁGUAS. ENTREVISTA COM NILZA MONTENEGRO.

CRISTIANO WELLINGTON NOBERTO RAMALHO¹¹

Apresentação

*Que sejamos capazes do máximo
de firmeza, sem cair no ódio,
e do máximo de compreensão sem
cair na convivência com o mal
Dom Helder Câmara*

Fui recebido, após vários contatos prévios (muitos em assembleias e reuniões da Colônia de Pescadores de Itapissuma, PE), numa sexta-feira de manhã (por volta das 9h) pela Freira Nilza Montenegro, que me concederia uma marcante entrevista. Era 3 de outubro de 1997.

Irmã Nilza, como preferia ser chamada e era assim conhecida e reconhecida, estava, na época, instalada no Convento da Conceição em Olinda, Pernambuco. Por saber da sua importância histórica para os povos das águas, para as lutas populares no Brasil e na América Latina, ingressei, confesso, ansioso nos recintos deste belo local datado do século XVI, sendo guiado por ela. Sua imensa gentileza fez com que a minha ansiedade e nervosismo fossem embora poucos minutos depois. Naquele dia, Irmã Nilza tinha 74 anos de uma vida, boa parte dela, banhada nas marés cheias de utopias pesqueiras, onde foi batizada e batizou marisqueiras e pescadores artesanais.

A conjuntura, naquele momento, não era nada favorável ao Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), a principal e histórica organização de apoio à luta das comunidades pesqueiras no Brasil, e nem as demais Pastorais Sociais, pois todas estavam sob ataque, de maneira sistemática dentro da própria Igreja Católica, há mais de uma década. Em Pernambuco, por exemplo, a aposentadoria de Dom Helder Câmara e a nomeação de um novo Arcebispo de Olinda e Recife, de concepções e práticas conservadoras no ano de 1985 (Dom José Cardoso Sobrinho), trouxeram limites ao trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e das Pastorais, especialmente na década de 1990 quando se intensificou o combate aos grupos e aos católicos ligados ou simpáticos à Teologia da Libertação.

¹¹ Departamento de Sociologia - UFPE.

Assim, as pescadoras e pescadores artesanais, além de enfrentarem o avanço de políticas neoliberais no país (primeiro mandato do presidente da república Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), de impactos ambientais, ameaças aos seus territórios (a criação de camarão em cativeiro - carcinicultura - começa a expandir-se em Pernambuco) e a quebra de direitos sociais, sentiam as repercussões da ofensiva contra o CPP no âmbito interno da Igreja Católica.

E eu estava dando meus primeiros passos nos estudos sobre comunidades pesqueiras, pesquisando as Colônias de Pescadores do litoral norte de Pernambuco (nos municípios de Goiana, Itapissuma e Itamaracá). Trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) em seu antigo Instituto de Pesquisas Sociais (hoje Diretoria de Pesquisas Sociais), no bairro de Apipucos, Recife, PE, na condição de Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) - bolsa financiada em parceria pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - desde o primeiro dia de agosto de 1996. Fui orientando da antropóloga Tânia Lima e, também, de Tarcísio Quinamo (um economista com o mais fino talento etnográfico que já conheci), que continuou a orientar-me na pesquisa monográfica. Era aluno de graduação do curso de Ciências Sociais, ênfase em Sociologia Rural, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

A presente entrevista, além de outras valiosas que realizei no período da pesquisa do PIBIC, de 1996 a 1998, foi, sem dúvida, uma das bases mais importantes para feitura de meu estudo monográfico (RAMALHO, 1999) e para a produção de vários outros textos que escrevi sobre movimentos sociais de pescadores e pescadoras, a ação dos poderes públicos e o próprio CPP ao longo da minha caminhada acadêmica (RAMALHO, 2012, 2013, 2014; RAMALHO; SANTOS, 2020)¹².

Na entrevista que segue, para dar-me seu depoimento, de aproximadamente uma hora registrada em um gravador de fita cassete, que era parceiro de meu Caderno de Campo (CC), Irmã Nilza fez algumas exigências, que revelavam, por um lado, a personalidade forte dessa pequena gigante mulher e, de outro, mostravam as heranças de quem havia lutado contra a ditadura e precisava de certezas:

12 Objetivando dirimir questões, mencionarei os escritos que seguem ao longo da própria entrevista, através de notas de rodapé, a saber: RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Poder Público e os Pescadores Artesanais: o caso da Colônia de Pesca Z10, de Itapissuma, PE. 1999. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais, ênfase em Sociologia Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999; RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Balanço histórico das lutas dos pescadores e pescadoras artesanais em Pernambuco: algumas questões para o debate. In: Encontro da Rede de Estudos Rurais, Belém, n. 5º, 2012. p. 01-22; [RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto](#). O Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP): a força de um mediador sociopolítico. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.). Movimentos sociais na pesca. Recife, PE: FASA, 2013, p. 153-185; [RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto](#). Estado, Pescadores e Desenvolvimento Nacional: da Reserva Naval à Aquícola. Revista Ruris-Unicamp, Campinas, v. 8, p. 31-62, 2014; [RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto](#); SANTOS, A. P. . Por mares revoltos: a mediação política do Conselho Pastoral dos Pescadores (1968-2018). Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 58, p. 1-22, 2020.

(1º) no período em que agendei a entrevista, ela frisou que nãoalaria nada de sua vida pessoal, de sua trajetória particular, fato que se repetiu no dia do seu depoimento: “falarei sobre meu envolvimento na luta dos pescadores e marisqueiras somente” (CC)¹³; (2º) quando cheguei ao Convento, ela me recebeu com alegria, sendo muito gentil e me pediu para ler e avaliar o meu roteiro de entrevista, o qual aprovou na íntegra; (3º) pediu-me, como eu já tinha feito antes em conversa reservada com ela, que contasse a minha “trajetória pessoal e de estudante” (CC) e realizasse novas explicações sobre a pesquisa que desenvolvia; (4º) disse-me que buscou informações minhas junto “aos pescadores e pescadeiras” (CC) e que, felizmente, “essas eram as melhores possíveis”, porque, do contrário, “não tinha me recebido e nem abriria a boca pra falar um tostão sequer, já que há muitos que apenas tiram coisas desses marginalizados e ainda falam mal” (CC); e (5º), após isso tudo, pudemos iniciar a entrevista.

Todavia, é importante destacar que, ao final da entrevista, Irmã Nilza pediu para que eu guardasse meu gravador em minha bolsa, mas antes se certificou que o mesmo estava, de fato, desligado. E aí me deu outra entrevista, praticamente com a mesma duração que a gravada e que anotei em meu Caderno de Campo, pedindo-me que, em confiança, não publicasse aquelas informações. Nela abordou e problematizou temas como: a crise na Igreja Católica, a ação de políticos, organização e reorganização do CPP, agentes públicos, impressões sobre a conjuntura nacional e local, movimento social da pesca, o papel da academia e dos acadêmicos(as), as organizações não-governamentais (ong’s) que surgiam, etc. Impressionei-me - ainda mais - com a sua inteligência, sua perspicácia e pude já entender (não apenas por aulas, livros e artigos) que as nossas entrevistadas e entrevistados são, antes de tudo, sujeitos da pesquisa e não objetos, e que, portanto, jogam conosco o jogo da pesquisa, especialmente (não só) quando o tema envolve a dimensão das lutas sociais, ações políticas e das leituras feitas e que se quer deixar registradas sobre tais questões.

Foi um encontro que me marcou até hoje.

Mas quem foi a Irmã Nilza? De acordo com o CPP:

Maria Nilza de Miranda Montenegro nasceu na fazenda da sua família no interior da Paraíba, mas cresceu e passou boa parte da sua vida em Campina Grande (PB). Ela se formou em enfermagem, em Santiago do Chile, mas nunca exerceu a profissão. Aos 18 anos deu início à sua vida religiosa na Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti. Antes de iniciar o trabalho com os pescadores e pescadoras artesanais, Ir. Nilza foi professora e superiora nos colégios administrados pela sua congregação. Após ter atuado junto com os pescadores e pescadoras da Paraíba, é em março de 1975, com a sua chegada em Itapissuma (PE), que Ir Nilza

13 Anotações contidas em meu Caderno de Campo (CC) no dia da entrevista. Aliás, todos os trechos em aspas seguidos de CC referem-se a essas anotações.

iniciará o trabalho revolucionário junto aos pescadores e pescadoras artesanais, em especial às mulheres ‘pescadeiras’, como gostavam de serem chamadas [...] Ir. Nilza mudou a história dos povos das águas em nosso País, da organização da categoria e da luta por direitos sociais, levando, por exemplo, ao reconhecimento da profissão de pescadora artesanal (antes inexistente) por parte do Estado brasileiro em 1979 (CPP, 2020)¹⁴.

Ela nasceu em 8 de dezembro de 1922 e faleceu em 22 de março de 2020, vivendo, após deixar Pernambuco, na residência da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti, em João Pessoa, na Paraíba, até o seu último dia de uma vida gloriosa. Caprichosa e irredenta encantou-se no Dia Mundial das Águas.

Por fim, no que concerne à entrevista, vale aludir que coloquei notas de rodapé ou colchetes [] para identificar pessoas e acontecimentos, explicitar datas e realizar algumas citações de textos que escrevi e que tomaram como base também este depoimento da Irmã Nilza. A ideia é deixar mais esmiuçado aspectos e acontecimentos, pois - para algumas leitoras e leitores que desconhecem o universo da pesca, das suas lutas, o CPP e aquele contexto histórico - certos trechos, menções a determinadas pessoas e fatos podem não ter sentido e/ou conter possíveis lacunas.

Ademais, esta entrevista faz parte do acervo do Projeto de Extensão “Mundo das águas em imagens e palavras”, que coordeno em parceria com o CPP – Regional Nordeste 2, e que busca registrar as memórias das pescadoras e pescadores artesanais, das suas lutas e cotidianos de trabalho e vida.

Boa leitura.

¹⁴ CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES, CPP. Ir. Nilza Montenegro, a religiosa que revolucionou o processo de organização das mulheres pescadoras do Brasil. 22 de agosto de 2020. Brasília: CPP, 2020. Disponível em: www.cppnacional.org.br/noticia/ir-nilza-montenegro-religiosa-que-revolucionou-o-processo-de-organizacao-das-mulheres. Acesso em: 30 agosto 2021



Figura 1: Freira Nilza Montenegro (CPP) e Cristiano Ramalho fevereiro de 2010, sede do CPP, Olinda, PE.
Acervo: CPP-NE.



Figura 2: Cristiano Ramalho e Freira Nilza Montenegro (CPP), fevereiro de 2010, sede do CPP, Olinda, PE.
Acervo: CPP-NE.

ENTREVISTA¹⁵

Cristiano Ramalho: Irmã Nilza, mais uma vez, bom dia. O que levou a Igreja Católica a trabalhar com os pescadores e as marisqueiras e em que ano isso começou?

Irmã Nilza Montenegro: A situação de marginalização da classe. Através do Frei Alfredo [Schnuettgen]¹⁶, que era Franciscano, e como representante da Igreja, ele se sentiu chamado a se voltar totalmente para a classe dos pescadores, e tentar fazê-los descobrir o seu valor de pessoa humana em imagem e semelhança de Deus e, conseqüentemente, com essa descoberta, eles se tornarem agentes de sua história. Frei Alfredo começou esse trabalho na década de [19]60, aqui em Olinda, na Colônia¹⁷ [de Pescadores] de Olinda, e o início do trabalho começou através de contatos, conversas à beira da praia e... onde os pescadores se reuniam ele começou a pesquisar as aspirações do pescador.

Cristiano Ramalho: Tentar compreendê-los?

Irmã Nilza Montenegro: Sim. Tentar compreender a situação do pescador. E a proporção que se desenvolvia esse contato pessoal e muito humano, ele [Frei Alfredo] começou a perceber a marginalização total em que o pescador vivia. E essa marginalização, consequência de um contexto social, sociológico, não é!? E o pescador também se defendia das decepções do passado e do presente, as promessas feitas e não cumpridas do governo. O governo utilizava, utilizava (a gente pode utilizar esse verbo que é forte), nos tempos das campanhas eleitorais, para conseguir voto. Prometia, como eles diziam, mundos e fundos e, quando passava a campanha eleitoral, eles continuavam mergulhados na marginalização. Lá em Itapissuma¹⁸, quando eu cheguei, a situação era essa. O descrédito dos órgãos do governo era total, especialmente dos órgãos responsáveis pela pesca.

Cristiano Ramalho: Irmã Nilza, em que ano foi fundado o CPP?

Irmã Nilza Montenegro: Olha, o ano... eu sei que Frei Alfredo começou na década de 60, talvez no fim da década de 60, ^[19]68-19. Eu conheci o Frei Alfredo já em 1969, lá em

15 Agradeço a Ketheleen Vieira da Silva, que é bolsista PIBIC - UFPE/CNPq - sob minha orientação - e aluna do curso de Ciências Sociais da UFPE, por ter redigitado esta entrevista.

16 Faleceu em 1 de abril de 1990.

17 As Colônias de Pescadores foram criadas pelo Estado Brasileiro, através da Marinha de Guerra, em 1919, para ser um ponto estratégico de apoio das ações desta Instituição voltadas à segurança nacional, saneamento da costa e transformação dos pescadores em reserva naval (RAMALHO, 1999; 2012; 2014; RAMALHO; SANTOS, 2020).

18 O município de Itapissuma, na época da chegada da Freira Nilza Montenegro, era um distrito ligado ao histórico município de Igarassu. Para se chegar a Ilha de Itamaracá é obrigatório passar por Itapissuma, que fica na faixa litorânea norte pernambucana. Emancipou-se de Igarassu em 1982 (RAMALHO, 1999). Itapissuma situa-se a 45 km do Recife e tem, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, uma população de 25.220 habitantes. Compõe a região metropolitana da capital pernambucana. Em termos de produção pesqueira, é um dos municípios de maior destaque do estado.

19 Após quatro anos de instalação do Golpe Militar de 1964 no Brasil, nasceu a Comissão Pastoral dos Pescadores (CPP), que foi influenciada pela ala progressista da Igreja Católica chamada de Teologia da Libertação. Recebeu o apoio do Arcebispo de Olinda e Recife Dom Helder Câmara. Assim “ao seguir os postulados da Teologia da Libertação (movimento sócio-político-religioso), tomou como preferência a busca por integrar sua atuação à luta dos pobres,

Pitimbu, Paraíba, para onde eu fui pela primeira vez para trabalhar com pescadores.

Cristiano Ramalho: O CPP surge em Pernambuco?

Irmã Nilza Montenegro: O berço é Pernambuco, na praia de Olinda.

Cristiano Ramalho: Então, por que trabalhar em Itapissuma?

Irmã Nilza Montenegro: Em Itapissuma... Foi um convite do Frei Alfredo. Eu passei três anos em Pitimbu, depois eu fui para João Pessoa a chamado do Arcebispo²⁰ para coordenar as pequenas comunidades inseridas no meio do povo. E depois de três anos, o Frei Alfredo, que ia muito em Itapissuma e Itamaracá, porque ele começou a estender o seu raio de ação pelas praias... e, então, ele me convenceu a vim trabalhar em Itapissuma. Era um terreno... a gente pode dizer que virgem no sentido de trabalho, mas mergulhado numa total marginalização. Passava-se por Itapissuma para ir à [Ilha de] Itamaracá. Itapissuma era uma vila.

Cristiano Ramalho: Em que ano a senhora chegou lá?

Irmã Nilza Montenegro: Em 1975. No dia 3 de março de 1975. Eu cheguei lá, nesse dia, e o objetivo era passar o primeiro ano vendo, vendo e nada fazendo, no sentido da ação.

Cristiano Ramalho: Observando?

Irmã Nilza Montenegro: Só observando e tentando criar laços, porque a gente partia da convicção de que sem criar laços de amizade nenhum trabalho pastoral poderia, poderá ser feito. Meu primeiro ano foi muito duro. Eu morava numa casa bem simples, tão simples que quando chovia a lama entrava pela porta da frente e saía pela porta de trás. A casa era pobre, limpa, porém pobre. Eu optei por isso, e os meus dias eram passados visitando as famílias, tentando conhecer as famílias e, de modo especial, às margens do Canal [de Santa Cruz]²¹. Eu passava os dias às margens do Canal, tentando conversar com o pescador, que me olhava com muita... muita desconfiança.

Cristiano Ramalho: Por que eles enxergavam na senhora também o governo?

Irmã Nilza Montenegro: Não, eles não enxergavam nada! Enxergavam apenas uma pessoa

oprimidos e marginalizados, colocando-se, via evangelização, como alternativa prática e simbólica ao poder capitalista, as suas classes e grupos dominantes e, também, à ala conservadora existente na própria Igreja Católica na América-Latina” (RAMALHO; SANTOS, 2020, p. 8-9). Em 1988, quando se tornou uma instituição com personalidade jurídica, a CPP passou a ser chamada de Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), fato que permanece até hoje.

²⁰ Na época o Arcebispo da Paraíba era Dom José Maria Pires, que ficou na função de 1966 a 1995. Foi o primeiro bispo negro do Brasil, tendo uma atuação marcante contra a ditadura militar em defesa dos direitos humanos. Participou do Concílio Vaticano II, tendo uma atuação importante. Nasceu em 15 de março de 1919 em **Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais e faleceu em 27 de agosto de 2017.**

²¹ O Canal de Santa Cruz tem aproximadamente 5,3 mil hectares, indo do norte ao sul da Ilha de Itamaracá e envolve sua parte oeste. É um estuário, cuja presença de manguezais é marcante. A pesca praticada é artesanal, sendo exercida por homens e mulheres secularmente. É uma das principais regiões de produção pesqueira em Pernambuco (RAMALHO, 1999; 2012).

estranha que estava se interessando por eles. Então, eles... foi muito difícil pra mim, no princípio, conseguir captar a confiança deles. Agora Itapissuma era um ponto de passagem, pela aquela Ponte [Getúlio Vargas]²². Os turistas iam para Itamaracá e passavam por Itapissuma, passavam. Itapissuma vivia mergulhada... não tinha um Posto Médico, tinha um comissariado... era um comissário e dois soldados da Polícia civil, que cometiam uma série de arbitrariedades. Muitas vezes eu fui chamada, quando cheguei lá, de noite para intervir lá, porque às vezes era um pescador preso por uma bobagem, era uma marisqueira, que elas chamam de pescadeiras²³. Motivos banais. Brigavam um com outro, se digladiavam por meio de palavras, aí vinha a polícia e pegava a mais fraca. Também as nossas irmãs prostitutas. Quantas vezes eu fui à noite... prendiam de dez por brigas banais, lá na área de prostituição, porque era uma área muito forte, era um ponto de convergência de Recife e Itamaracá, lá.

Cristiano Ramalho: Era um ponto de marginalização ao extremo?

Irmã Nilza Montenegro: Sim. As marisqueiras viviam atoladas na lama do Canal. Se os pescadores não eram olhados, muito menos as marisqueiras. E quando... logo nos primeiros dias eu consegui sentir - foi uma inspiração divina - que eu deveria me debruçar mais sobre as pescadeiras. Então, quando eu percebi que o clima de desconfiança do pescador era muito forte, eu depois de muita oração, muita reflexão e muitas conversas com Frei Alfredo decidimos de me voltar para as pescadeiras e tentar criar laços mais fortes com elas. E eu acho que esse modo de trabalhar foi o princípio da salvação, que eu digo princípio da salvação, porque ainda falta muito em Itapissuma, para as mulheres... No princípio elas me perguntavam: “Por que a senhora mora aqui? Por que a senhora veste quase como a gente? Por que a senhora visita a gente?”. Eu comecei a dar uma assistência muito forte às mulheres gestantes. Eu ia a casa [delas] quando sabia da gravidez. Procurava - não havia nenhuma orientação a respeito da gestante - com os conhecimentos que eu tinha... procurar fazer o pré-natal, ia... às vezes acompanhava até a hora do parto.

Cristiano Ramalho: A Irmã, então, além de agir politicamente, era parteira?

Irmã Nilza Montenegro: Parteira não. Eu tinha muito receio de violar a cultura do povo. Então, eu poderia ter feito o parto, mas eu nunca fiz o parto. Chamava a parteira e acompanhava.

Cristiano Ramalho: Como estava organizada a Colônia de Pescadores na época em que a senhora chegou a Itapissuma?

²² Para se chegar à Ilha de Itamaracá via continente, o único acesso terrestre é passar por Itapissuma, utilizando a Ponte Getúlio Vargas, que fica sobre o Canal de Santa Cruz.

²³ Pescadeira era um termo muito utilizado pelas pescadoras de Itapissuma para se autodefinirem, até o início do século XX. Assim, pescadeira, pescadora ou marisqueira eram sinônimos na época, embora o primeiro fosse a classificação hegemônica feita por elas mesmas. Hoje as mulheres utilizam mais os dois últimos termos (pescadora e marisqueira). Aliás, isso merece um estudo detalhado.

Irmã Nilza Montenegro: Eu acho que não se pode falar em organização. Eu posso partir da base material. Era um prédio caindo, onde todo o arquivo estava empilhado no chão, ruído de baratas, ratos e traças. Pouca coisa do arquivo da Colônia a gente pôde aproveitar. Eu não entrei na Colônia. Eu levei quase dez anos para entrar na Colônia.

Cristiano Ramalho: Por quê?

Irmã Nilza Montenegro: Havia uma desconfiança muito grande das diretorias, que, em geral, eram ou imposta ou, então a gente pode afirmar, o termo é forte, de pelegas²⁴, eram pelegas. Então, o pouco dinheiro que entrava eles utilizavam para seu uso.

Cristiano Ramalho: Quer dizer que eles, os dirigentes da Colônia, sentiam, por parte do CPP, um trabalho consistente e diferente do que eles tinham. É isso?

Irmã Nilza Montenegro: É, e, além disso, eu com minha visão e meu modo eu era uma ameaça, mesmo inconsciente, e foi muito difícil mostrar a finalidade da Colônia, que não era um órgão repressor, mas era um órgão de apoio. E também tinha uma coisa muito forte e eles não encontravam apoio nos órgãos do governo que controlavam à pesca. A SUDEPE²⁵ era um órgão repressor, repressor mesmo, a Capitania [dos Portos] um órgão repressor. E nós levamos... eu acho que mais de dez anos... levamos mais de dez anos para conseguir, num diálogo paciente, histórico e evangélico, que eles descobrissem o seu papel junto às colônias, especialmente em Itapissuma onde eu trabalhava.

Cristiano Ramalho: Como foi isso?

Irmã Nilza Montenegro: Olha, partiu de uma série de arbitrariedades. Toda vez que havia uma arbitrariedade, eu me largava para Recife e ia a Capitania dialogar. Dialogar e, ao mesmo tempo, educar e até brigar!

Cristiano Ramalho: Que arbitrariedades cometiam, Irmã?

Irmã Nilza Montenegro: Por exemplo, eles usavam sempre a força, eles eram donos. Se havia qualquer irregularidade, chegava um fiscal e prendia as redes, sem nenhum diálogo, sem saber o motivo, sem nada.

Cristiano Ramalho: A Capitania dos Portos?

24 A escolha do presidente, como toda a gestão da Colônia, passava pelo crivo e a interferência da Marinha Brasileira, via Capitania dos Portos, e, depois, isso foi feito, a depender da situação, em comum acordo com a SUDEPE. O termo pelego emergiu já na época do presidente da república Getúlio Vargas (1930-1945) e se voltava para definir lideranças sindicais que eram comprometidas com as pautas do governo e dos patrões e menos com os desejos de seus associados/filiados, a classe trabalhadora que teoricamente representavam (RAMALHO, 1999)

25 A Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) foi criada no ano de 1962, no governo do presidente João Goulart (Partido Trabalhista Brasileiro - PTB), de 1961 a 1964, e sob o manto do ideário desenvolvimentista. Tinha o objetivo de industrializar a pesca no Brasil, tirando-a, como desejavam, da hegemonia do setor artesanal. Era vinculada ao Ministério da Agricultura. Foi extinta em 1989, após a crise do modelo desenvolvimentista e o sob o apogeu dos marcos neoliberais (RAMALHO, 2014; RAMALHO; SANTOS, 2020).

Irmã Nilza Montenegro: Capitania dos Portos. A SUDEPE nem tanto, pois nessa época ela estava passando por uma fase muito difícil.

Cristiano Ramalho: De reestruturação?

Irmã Nilza Montenegro: Não sei se de reestruturação. Mas de desorganização. Ao contrário do que acontece hoje [no diálogo com o Estado]. Hoje eu posso dizer que está diferente, bastante diferente. E, então, eu tentava dialogar. Eu devo muito ao Frei Alfredo, porque ele me apoiou muito e sempre íamos juntos. Frei Alfredo... nós nos encontrávamos semanalmente e revisávamos a semana: o que tinha acontecido; como eu tinha agido; como eu devia melhorar na minha ação. E também tinha uma pressão muito forte, era o problema da poluição. As fábricas, de Ermínio de Moraes e companhia limitada, do Grupo Votorantim²⁶, jogavam a granel o vinhoto.

Cristiano Ramalho: Isso foi nas décadas de 1980 e 1970?

Irmã Nilza Montenegro: Isso. Jogavam o vinhoto a granel, e aquelas fábricas de produtos químicos também jogavam a granel

Cristiano Ramalho: Jogavam nos rios da região?

Irmã Nilza Montenegro: no Botafogo, no Igarassu e no Canal. Às vezes, quando eu cheguei lá, às vezes descia os cardumes mortos. Eles jogavam o vinhoto e matavam tudo²⁷.

Cristiano Ramalho: Vocês ajudaram na luta contra esses impactos?

Irmã Nilza Montenegro: Sim. Fizemos reuniões, atos e reclamações junto aos órgãos. Sempre com a classe dos pescadores. Várias denúncias²⁸.

Cristiano Ramalho: Irmã, o CPP entra na Colônia e consegue um espaço em que ano?

26 “Campanhas e denúncias públicas são feitas pela Colônia contra as indústrias e a usina poluidora, em 1985 [...], que contou com a colaboração, no decorrer de todo do primeiro mandato, do prefeito [de Itapissuma] Ives Ribeiro (1982-1988). Mas foi em 1986 que esta situação ganhou uma dimensão mais ampla, porque ‘o prefeito de Itapissuma, vizinho de Igarassu, apoiado pela Pastoral, enviou material ao PMDB de São Paulo. Só com esta denúncia, que incluía um filme, por ser época de campanha eleitoral, é que alcançou algum resultado, e a indústria instalou antipolvente na fábrica’ (FASE, 1988, p. 58). É que a empresa denunciada pertencia ao Grupo Votorantim, e seu presidente, Antônio Ermírio de Moraes, disputava o pleito eleitoral no estado de São Paulo” (RAMALHO, 1999, p. 54).

27 “Um fato começava a afetar diretamente a fonte de emprego, renda e alimentação dos pescadores e pescadeiras na região do Canal de Santa Cruz. O avanço da economia capitalista, com a instalação de indústrias e a utilização de produtos/insumos agroquímicos nas lavouras de cana-de-açúcar, marcou um estágio inovador na relação sociedade/recursos naturais, no qual a tecnologia fez com que aumentasse a capacidade de intervenção econômica sobre os ecossistemas. Assim, entre 1970 e 1980, a poluição dos rios Botafogo e Igarassu e, conseqüentemente, do Canal de Santa Cruz, deu a dimensão do modo predatório e dilapidador de como ocorreu o advento do processo industrial em toda a região de Itapissuma” (RAMALHO, 1999, p. 49). Os impactos socioambientais negativos marcaram a vida da categoria e suas reações políticas. “Nesse sentido, as formas de luta adotadas pelos pescadores e pescadeiras, no final dos anos de 1970 e em toda década de 1980, expressaram a reação frente às ameaças de expropriação, ocasionadas pelos problemas relativos à questão ambiental, sendo aquele o período em que ocorreram as principais e mais significativas mobilizações da categoria” (RAMALHO, 1999, p. 51.)

28 Essas mobilizações foram retratadas nos seguintes escritos: Ramalho (1999; 2012; 2013; 2020).

Irmã Nilza Montenegro: Eu consegui entrar na Colônia em [19]85. Aí eu comecei a tentar um trabalho de consciência para que o pescador elegeisse alguém que se interessasse pela classe. Foi muito difícil e é interessante, e eu fico contente de dizer que a Colônia só tomou impulso depois que uma mulher assumiu. Foi a Joana [Mousinho]²⁹.

Cristiano Ramalho: Irmã Nilza, já que a senhora abordou esse assunto, e o trabalho com as mulheres?

Irmã Nilza Montenegro: E o trabalho com as mulheres... É interessante que eu diga pra você como começou. Começou na amizade, e o meu primeiro contato forte mesmo foi com a marisqueira Maria das Dores. Eu faço questão de frisar isto. Maria das Dores pescava de canoa alugada. Alugava uma canoa. Depois de quase um mês que eu apanhava sol a manhã inteira e a tarde inteira nas margens do Canal, esperando quando elas iam pra maré e quando voltavam. Ela chegou com um balaio enorme de ostra na cabeça e eu a abordei e disse pra ela se já me conhecia e ela disse: “Eu ouvi falar da senhora, que tá aqui. Parece que quer bem a gente, que quer ajudar a gente”. Aí eu perguntei: “Ajudar em que?”. Aí vinha a noção paternalista de dar roupa, dar comida. Então, eu comecei a mostrar pra elas que eu não tinha roupa nem comida pra dar; a ela [Maria das Dores] especialmente, porque ela foi a arauta da boa-nova junto a outras marisqueiras. O que eu podia dar era a amizade e, também, fazer com que elas descobrissem o seu valor de mulher, de pessoa humana e que pudessem lutar por uma vida mais digna, e mostrei o desejo de pescar com ela. Ela olhou pra mim e disse: “Quem? A senhora? Com essa pele branca! A senhora pensa que é brincadeira a gente ser mordida por mosquito? Tem que passar querosene nos braços, nas pernas e no rosto!”. Então, eu disse: “Eu vou!”. E ela marcou pra semana seguinte e eu esperei com uma ansiedade grande. Seria o meu batismo, não de fogo, mas de lama, de lama. No dia... na véspera ela chegou lá em casa de manhã e me disse: “Eu já, usou o termo, apalavrei a canoa, aluguei a canoa pra amanhã, de madrugada. As quatro da manhã eu tô lhe chamando”. Eu preparei um pequeno farnel, bem simples, que levava banana, farinha, não levei nada de extraordinário, pois eu achava uma falta de respeito a elas. Passei uma noite em claro numa expectativa, era uma coisa... era o meu banho de lama mesmo desejado ardentemente. E as quatro da manhã ela chegou muito decepcionada, porque o homem tinha faltado com a palavra e não tinha alugado a canoa. Então, quando eu mostrei a minha decepção - isso é importante frisar - eu disse: “Mas não é possível! eu desejei tanto!”. Aí ela olhou pra mim e disse: “Oxente, por que perder a esperança? Tem tempo!”. Essa frase (“Por que perder a esperança? Tem tempo”) foi pra mim como uma

²⁹ Em 1985, Margarida Mousinho Rodrigues tornou-se presidente da Colônia Z-10 (de Itapissuma/PE), assumindo o cargo após a renúncia do antigo presidente, o Sr. Genival Aquino de Souza, vindo a ser a primeira mulher a estar a frente deste cargo em uma Colônia de Pesca; e quatro (4) anos depois - em 1989 - Itapissuma elegeu a primeira mulher para dirigir uma Colônia de Pesca no Brasil, que foi Joana Mousinho, a sobrinha de Margarida. O pioneirismo de Joana não ficou por aí. Ela foi, ademais, a primeira mulher eleita para presidir uma federação de pescadores, a de Pernambuco, em 1993 no país (RAMALHO, 1999; RAMALHO; SANTOS, 2020).

luz que iluminou meu caminho no trabalho com as marisqueiras e os pescadores. Toda vez, diante de um fracasso, de uma decepção, eu ouvia Maria das Dores dizer, mas pro coração: “Por que perder a esperança? Tem tempo”. Ela foi quem fez o contato. Depois de alguns meses, começamos a reunir as mulheres lá em casa e começamos a perceber que elas não tinham registro civil. Ninguém tinha registro civil! A maioria não sabia, onde tinha nascido, nem a data do nascimento. Os filhos não eram registrados, não iam à escola, a situação de higiene nas casas era caótica. Eu visitava diariamente rua por rua. As vezes me sentava e comia o peixe com uma certa repugnância, mas o peixe tava sendo frito, e eu comia com farinha com elas pra me integrar, não por demagogia, mas por evangelho, pra me integrar com elas. E assim eu criei laços e me tornei uma pessoa amiga, era uma irmã pra elas. E eu comecei a mostrar pra elas que sem registro civil elas não tinham identidade, não existiam pro Brasil, não eram cidadãs brasileiras. Então, eu falei com o Vigário [padre Benedito Tavares Badú ou simplesmente padre Badú³⁰] e começamos uma campanha na Igreja. A coleta dos domingos, o dinheiro que se arrecadava, o pouquinho, a gente empregava. A comunidade foi convidada a ajudar, a colaborar e com esse dinheiro a gente começou a tirar os registros. Naquele tempo era fácil tirar um registro, porque elas não sabiam data de nascimento, nem ano em que nasciam. Isso aqui... eu nem sei... eu vou dizer porque eu fiz e não me arrependo. Eu dizia: “Você gostaria de ter nascido em que dia? No mês de Santana! (Mês de julho) E em que dia? Dia de Santana”. Tinha gente que não sabia o nome do pai, o nome da mãe, o nome de nada. E uma delas... aconteceu uma coisa que ainda eu não esqueço. Quando eu comecei fazê-la refletir: “Procure saber o nome de seu pai, de sua mãe, onde você nasceu”. Ela tinha sido rejeitada quatro ou cinco vezes, passando como gatinho de mão em mão, ela novinha. Aí ela me disse: “Não me aperrei não, Irmã Nilza. Não me aperrei, porque eu não sei nada, eu não sou nada, não sei nem se sou gente!”. Aquilo foi forte demais pra mim! Foi Maria das Dores³¹. A mãe de Bill³². “Eu não sei nem se sou gente!”. Aquilo foi forte demais pra mim. Então, eu tomei um propósito, naquela hora, de me inclinar sobre Maria das Dores e fazer Maria das Dores... levar Maria das Dores, fazer não, levar Maria das Dores a descobrir que era gente. E começou o contato. Só pra terminar, numa reunião, depois de uns dois anos, ela levantou-se - ela que não abria a boca, era encolhida, de cabeça baixa - e emitiu sua

30 Foi grande apoiador do trabalho da Freira Nilza Montenegro. Mas vale destacar que ele já tinha iniciado, quando se instalou em Itapissuma em 1974, algumas ações voltadas aos povos das águas na região, a saber, um ano antes da chegada da Irmã Nilza. Padre Badú ficou em Itapissuma até o ano de 1987 e faleceu em 11 de novembro de 2017. Nasceu em Piancó, na Paraíba, no dia 30/7/1936 (RAMALHO; SANTOS, 2020).

31 Dona Maria das Dores fez parte do primeiro grupo de mulheres reconhecida no Brasil como pescadoras artesanais oficialmente, a partir da carteira de pescadora emitida pela SUDEPE em 1979, embora a presença junto À SUDEPE tenha ocorrido um ano antes (1978). As mulheres desse grupo eram todas de Itapissuma, PE. Maria das Dores da Conceição ou simplesmente Dona Maria das Dores nasceu em 25/1/1931 e faleceu 17/9/2004 em Itapissuma. Foi uma grande lutadora da causa das pescadeiras, como dizia, e pescadores artesanais, a quem presto aqui minha homenagem e admiração. Conheci essa mulher impressionante e conversei diversas vezes com ela sobre as comunidades pesqueiras. Aprendi muito com ela.

32 Bill é o apelido de Severino Santos, que é, hoje, uma das principais referências da luta das comunidades pesqueiras no Brasil. É educador social e integra o CPP - Regional Nordeste II -, com sede em Olinda, PE.

opinião. Aí quando terminou, táva sentada junto de mim, me deu uma cotovelada forte e disse: “Tá vendo, eu agora... eu sei que sou gente em imagem e semelhança de Deus!”. Ela descobriu que era gente e isso é gratificante.

Cristiano Ramalho: Isso quer dizer que o CPP procurou ocupar um espaço que focalizasse a cidadania? Coisa que a Colônia não fazia.

Irmã Nilza: A cidadania viria conseqüentemente com a explicação do evangelho. Vivência dentro do evangelho. Nossos encontros, todos, eram evangelho e vida. Evangelho é uma riqueza infinita e através, por exemplo, das parábolas... eu não lia porque a maioria era analfabeta... eu contava a parábola e perguntava: “Tem alguma... parece alguma coisa com a vida de vocês?”. E elas começavam a fazer a comparação e, automaticamente, a descoberta da cidadania e a luta para se tornarem cidadãs brasileiras.

Cristiano Ramalho: A descoberta da cidadania era uma coisa que a Colônia jamais tinha sequer tentado fazer?

Irmã Nilza: Nada. A Colônia... eu ia lá não era recebida, e, as vezes, era recebida com muita frieza.

Cristiano Ramalho: O que era a Colônia? Como a senhora define a Colônia quando chegou lá em Itapissuma?

Irmã Nilza: O que era a Colônia de Itapissuma? Primeiro, era uma casa velha, onde os pescadores, apenas alguns, pagavam a mensalidade, que era uma bagatela, e um ponto de acusação de que a Colônia não fazia nada por eles.

Cristiano Ramalho: A senhora intensifica o trabalho diretamente na Colônia em 1985 e ...

Irmã Nilza: Mais ou menos em 85.

Cristiano Ramalho: Mas já tinha um trabalho muito forte antes, uns dez anos antes.

Irmã Nilza: Por que o meu trabalho forte foi com as mulheres.

Cristiano Ramalho: Então, com o apoio das marisqueiras a senhora, o CPP, entra na Colônia?

Irmã Nilza: Eu devo... eu devo as marisqueiras a entrada na Colônia, porque elas automaticamente começaram, sem perceber, a pressionar. Elas não tinham.. o pescador - é importante dizer isso - tinha a sua carteira, de pescador, na SUDEPE e na Capitania, e sem necessidade da carteira na Capitania, porque eles não iam pra o alto-mar³³. Eles pescavam no Canal.

³³ Os pescadores de Itapissuma sempre pescaram em estuários, manguezais e rios. Eles chamam esses espaços de mar-de-dentro.

Cristiano Ramalho: Hoje não precisa mais disso?

Irmã Nilza Montenegro: Não. E isso se deve ao trabalho que Frei Alfredo fez. Frei Alfredo sensibilizou, especialmente, Cristina Tavares [Deputada Federal filiada ao Movimento Democrático Brasileiro - MDB - e eleita por Pernambuco], de saudosa memória³⁴. Cristina fez um trabalho junto ao Parlamento, a Câmara, muito federal, muito grande. Então, a gente começou... Frei Alfredo começou... Aí foi quando começou, também, o trabalho, que a gente deu o nome de Constituinte da Pesca³⁵: Tentar reformular as leis que regiam a pesca.

Cristiano Ramalho: Foi o Conselho Pastoral dos Pescadores quem teve essa Iniciativa?.

Irmã Nilza Montenegro: Foi, foi a Pastoral dos Pescadores.

Cristiano Ramalho: Irmã Nilza, a senhora ainda pouco colocou um ponto importante relacionado à carteira de pescador. Eu gostaria de voltar a ele. Foi a Pastoral dos Pescadores que pressionou para que as mulheres tivessem o acesso, o direito à carteira? Como se deu essa luta?

Irmã Nilza Montenegro: Sim, essa é uma história muito bonita que vale a pena ser falada, se você me permitir?

Cristiano Ramalho: Fique à vontade, Irmã!

Irmã Nilza Montenegro: Quando eu comecei a mostrar pra elas, depois do registro... elas precisavam ter uma identidade como pescadeiras - é assim que elas se chamam e eu respeito a cultura delas. Então, elas tinham o mesmo direito que os homens tinham. O pescador tinha a carteira, e as carteiras dos pescadores eram todas atrasadas. Tinham uma subagência da Capitania dos Portos em Itapissuma, mas só pró-forma, eu entrava e questionava, mas... aí, então, elas começaram a se sensibilizar e uma vez me perguntaram: “Como a gente faz pra arranjar uma carteira de pescadeira?”. Foi quando eu conversei com Frei Alfredo e novamente ele recorreu a Cristina Tavares. Cristina Tavares mexeu por lá e conseguiu um projeto de Lei, que foi aprovado, em que as mulheres poderiam tirar a carteira da SUDEPE. Assim, foram feitos os procedimentos e ficamos esperando as doze primeiras... foi em 1978³⁶!

34 Faleceu em 23 de fevereiro de 1992.

35 “A autonomia frente ao Estado cristalizou-se, ainda mais, em 1988 com a elaboração da Constituinte da Pesca, em relação à qual foi realizada a mais ampla discussão acerca do setor pesqueiro no Brasil até então, que contou, inclusive, com a participação de vários representantes das colônias, possibilitando o surgimento do Movimento da Constituinte da Pesca, principalmente nas regiões Norte/Nordeste, fomentado pelo Conselho Pastoral dos Pescadores. Dessas ações nasceu o Movimento Nacional dos Pescadores (Monape), em abril do mesmo ano, na cidade de Recife (PE)” (RAMALHO; SANTOS, 2020, p. 15).

36 A luta e as articulações ocorreram em 1978 e o reconhecimento oficial, por parte do Estado, deu-se, finalmente, em 1979, com a emissão das aludidas dozes carteiras de pescadoras (RAMALHO; SANTOS, 2020).

Cristiano Ramalho: Quer dizer que foi, através de Cristina Tavares no Parlamento, que isso ficou ainda mais forte?

Irmã Nilza Montenegro: É, Cristina Tavares! Bem, ficamos esperando a SUDEPE, nesse tempo, desse o sinal pra que fossemos lá. Eram doze mulheres... e nada. Quando foi um dia, numa reunião, eu disse: “Olha, a SUDEPE se esqueceu da gente. O que é que a gente faz?”. Eu sempre, nunca... nunca resolvi o problema, eu devolvia o problema pra elas. Elas disseram: “Que é que a gente faz?! Nós vai lá e exige... nós vai lá e exige!”. Desta maneira, falei com Frei Alfredo e ele conseguiu uma kombi, e sem avisar nós chegamos na SUDEPE. Era Dr. Zé Mauro³⁷, ele estava no auge de uma luta numa campanha política, querendo ser deputado e ... tá no direito dele, não critico, ficou apavorado e nós já havíamos tido uns choquezinhos, mas me respeita muito... ele me respeitava muito. Preparamos a reunião e elas falaram. E aí já não eram aquelas mulheres de cabeça baixa - isso já foi em 1978. Eram mulheres de cabeça quase erguida que lutavam pelas suas... pelos seus direitos. “Nós viemos aqui (no português delas) buscar as carteiras da gente!”. E ele ficou meio assim e disse: “Mas não tem nada aqui!”. Elas disseram: “Tem um documento que veio lá de Brasília... tem um documento que dá direito a gente!. Mas não tem!?”. Aí uma levantou-se: “O senhor procure lá no fundo da gaveta que deve tá lá!”. Eu achei isso importante. Ele ficou meio lá, meio cá, entrou e, quando voltou... realmente, eu tinha uma cópia que Cristina Tavares tinha mandado, eu tinha levado. Aí quando ele trouxe, eu mostrei: “Olha, aqui”. Aí ele acionou e as dozes primeiras mulheres reconhecidas oficialmente como pescadeiras no Brasil foram de Itapissuma. O trabalho com as marisqueiras começou em Itapissuma. O trabalho, no Brasil, com as Marisqueiras, o berço é em Itapissuma.

Cristiano Ramalho: E em que ano surge Joana Mousinho? E como foi esse trabalho?

Irmã Nilza Montenegro: O trabalho de Joana foi um trabalho de oito a dez anos, de tentar criar laços com Joana. Eu digo isso porque hoje Joana se impõe não só em Itapissuma, mas no Nordeste e até no Brasil. Eu tentei criar laços. Levei uns oito anos, mas foi duro porque ela fugia de mim e dizia: “Eu não gosto dessa Freira”. Então, a maneira - eu nunca reprovei nada - era de pedir serviços a ela. Fazia um bilhete pra ela: “Joana vem me ajudar nisso. Joana vem me ajudar naquilo. Eu não tenho ninguém que me ajude”. As vezes, ela ia, as vezes não. Aí outro bilhete. Depois de oito anos de perseverança evangélica, Joana chegou..

Cristiano Ramalho: Em que ano?

Irmã Nilza Montenegro: Eu acho que... logo quando eu cheguei, eu comecei o contato

³⁷ José Mauro da Costa Moreira era o Coordenador Regional da SUDEPE, no Estado de Pernambuco, no referido período.

com ela. Mas o forte mesmo foi na década de [19]80, foi que começou mesmo. Aí comecei a descobrir os valores de Joana e comecei a conversar com Joana, e mostrei que ela podia não só ajudar as suas irmãs marisqueiras, mas os pescadores, e que o importante era que uma mulher assumisse a diretoria da Colônia.

Cristiano Ramalho: Então, isso foi uma ideia também concebida pela senhora?

Irmã Nilza Montenegro: Sim, de uma mulher. Porque eu senti que nelas havia uma força muito grande e se eu fosse esperar do pescador eu iria esperar até o ano 2.000.

Cristiano Ramalho: Por que o trabalho com os pescadores era mais delicado de que com as marisqueiras?

Irmã Nilza Montenegro: Eu atribuo primeiro ao machismo. O machismo do pescador, como em todo homem, mas no pescador é muito forte. E também o desencanto que eles viviam. Já tinham recebido tantas promessas não cumpridas. Eu acho esse contexto muito complexo. A marginalização era caótica - eu acho que a gente pode empregar esse adjetivo -, e eles estavam desencantados; e também eu acho que a psicologia do pescador... tem uma frase típica que revela o pescador: “Deixe está como está pra ver como é que fica”. Eles repetiam muito pra mim isso. Hoje não repetem mais: “Deixe está como está pra ver como é que fica”. O mar torna o pescador não preguiçoso, mas... não sei se apático, não sei!. Maré enchendo, maré baixando. Outro fator, também, é o álcool. O pescador bebe muito e o álcool destrói. Mas pra mim mesmo é a ignorância, o analfabetismo, também. O analfabetismo é um ponto predominante, e o analfabetismo, o machismo, o desencanto fazem parte da total marginalização. Então, são pontos fortes, que eu acho. E também isso: eu era uma mulher e eles me tinham no contexto de outras mulheres.

Cristiano Ramalho: Como e quando foi o momento crucial da chegada de uma mulher, no caso de Joana, à presidência da Colônia?

Irmã Nilza Montenegro: Foi uma campanha muito forte, uma campanha feita... a gente preparou a campanha, a gente preparou mesmo a campanha sem ataque como fazem os políticos, que botam pra fora todos os podres dos outros. Sem ataques, apenas... sem promessas. Joana e ... foi uma campanha não de palanque, mas uma campanha de pé de ouvido. E por eu ter uma influência muito grande, eu já tinha tomado... eu já era não posso dizer dona do terreno, mas pisava com os pés no chão e o pescador já acreditava em mim, porque - eu posso dizer humildemente a bem da verdade - acreditava em mim. Começou a acreditar em Joana também, que estava ligada a mim. E a vitória de Joana... ela começou como Secretária na Colônia. Foi no mandato de João³⁸. Ela começou a

³⁸ João Xavier, eleito para presidente da Colônia de Itapissuma, Z-10, em 1987, com o apoio do CPP, rompe com a Pastoral no curso de seu mandato. Candidatou-se à reeleição desta entidade dois anos depois (1989), sendo derrotado para Joana Mousinho, uma liderança filha do trabalho do CPP, de Irmã Nilza, com as mulheres pescadeiras. Joana teve

tomar consciência do problema e a despertar para a necessidade dela assumir a luta pela libertação dos pescadores e pescadeiras. E a campanha dela teve um apoio irrestrito das mulheres. Elegeu-se em 1989.

Cristiano Ramalho: Quando a Colônia consegue autonomia frente aos Órgãos do Estado, como a Capitania dos Portos, da Marinha, e a SUDEPE?

Irmã Nilza Montenegro: Pela Constituinte da Pesca a colônia foi... a colônia devia ser como é hoje: um órgão autônomo, com poder de sindicato e uma livre associação. Isso foi aprovado. A partir daí começou uma nova luta.

Cristiano Ramalho: A Constituinte da Pesca foi a base de propostas dos pescadores e pescadeiras para levar para os debates da Constituição de 1988?

Irmã Nilza Montenegro: É. Foi junto com a Constituição brasileira. Aí começou a tentativa de se traduzir isso em atos, e a gente modificar a mentalidade do pescador. O pescador queria, quando começou a Colônia a tomar forma em Itapissuma, que a Colônia tivesse um dentista, um Posto Médico e uma Escola como dantes tinha. Então, começamos a mostrar, para eles, que o papel da Colônia não era esse e que isso era um papel do Governo Estadual e Federal dar escola, dar médico e dar dentista, e não da Colônia, mas eles deviam fazer pressão sobre o governo a respeito do Posto.

Cristiano Ramalho: Qual é o papel da Colônia de Pescadores?

Irmã Nilza Montenegro: O papel da Colônia é de defender o direito dos pescadores, e nessa defesa dos direitos ela defende os direitos, suponhamos, diante de uma situação de invasão de praia por imobiliárias, de poluição, desmatamento, bombas³⁹ e na parte de documentação, fazendo com que o pescador se documente. O trabalho foi feito... quando eu cheguei lá para os pescadores tirarem a carteirinha e passar o visto todo o ano eu ia de porta em porta, porque o trabalho da Colônia mesmo na parte burocrática eu fiz até quando Joana não entrava. Joana foi quem assumiu, mas eu fazia.

Cristiano Ramalho: Essa luta pela autonomia é concretizada em atos quando Joana entra na Colônia como presidente?

Irmã Nilza Montenegro: É, como presidente. E Joana faz hoje o que não fiz e nunca faria. Faz muito melhor do que eu fiz e do que eu faria.

Cristiano Ramalho: O que ela tem feito, Irmã?

total apoiou da Pastoral em toda disputa eleitoral e em sua gestão de presidente, quando eleita (RAMALHO, 1999).

³⁹ Era comum - na época - a pesca ilegal feita por meio de bomba. Os que faziam isso não eram reconhecidos, pela comunidade local, como pescadores artesanais de fato. O uso da bomba significava a quebra de um código moral local, de reconhecimento do que é ser um verdadeiro pescador.

Irmã Nilza Montenegro: Tudo!

Cristiano Ramalho: Então, a senhora vê em Joana a realização de todo um trabalho?

Irmã Nilza Montenegro: Todo o meu sonho de Pastoral dos Pescadores. E espero que ela nunca me decepcione... eu acho que não.

Cristiano Ramalho: Irmã, a primeira Colônia a ser conquistada pelo CPP foi a de Itapissuma?

Irmã Nilza Montenegro: Foi em Itapissuma, concretamente. É a primeira Colônia no Brasil a ter uma mulher presidente; a primeira Colônia do Brasil que agilizou a parte de documentação em massa; a primeira Colônia do Brasil a agilizar e concretizar a parte de Previdência Social.

Cristiano Ramalho: A senhora acha que, mesmo com os avanços ocorridos nesses últimos anos, especialmente pós-Constituição de 1988, os pescadores e pescadeiras ainda olham as Colônias como prestadora, unicamente, de serviços?

Irmã Nilza Montenegro: Não em Itapissuma!

Cristiano Ramalho: E em outras entidades?

Irmã Nilza Montenegro: É. Eu vejo nisso duas coisas: falta de conhecimento da finalidade da Colônia e, depois, um despertar para outras coisas. Por exemplo, hoje eles começam a fundar associações de pescadores que não vão pra diante, porque não têm uma estrutura, não têm uma base, não têm. Mas eles já começam a despertar. É sinal de que? Consciência. O pescador não tinha coragem de denunciar uma irregularidade no Canal de Santa Cruz. Hoje eles chegam na Colônia e perguntam a Joana: “Qual o telefone do IBAMA?⁴⁰”.

Cristiano Ramalho: Por que isso?

Irmã Nilza Montenegro: Medo, medo.

Cristiano Ramalho: Por que a Colônia também era repressora, historicamente?.

Irmã Nilza Montenegro: Exatamente. Aconteceu uma coisa muito séria. Joana já era presidente e, na década de [19]90, houve uma apreensão (defeso do camarão⁴¹). Chegou lá o IBAMA - já era o IBAMA - e transformou tudo numa praça de guerra: revolver, metralhadora. Um caminhão com dois isopores enormes, recolhendo todo o - sem avisar nada, sem nenhuma preparação - estoque de camarão, não só dos boxes⁴², mas dos pescadores que

40 Com o fim da SUDEPE, surge o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA), por força de lei federal n. 7.735 em 22/2/1989, que se tornou o responsável pela fiscalização ambiental no País e pela gestão da pesca. Além de alguns obrigações que competiam a SUDEPE, o IBAMA vai absorver, também após a extinção desses órgãos em 1989, as atividades da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), da Superintendência da Borracha (SUDHEVEA) e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

41 Hoje, por justificativas técnicas, não existe mais o defeso do camarão em Pernambuco.

42 Boxes que são situados no mercado público de Itapissuma, que fica defronte ao Canal de Santa Cruz.

estavam pescando. Aprenderam todas as redes. Joana tinha chegado da maré toda coberta de lama. Chegou lá em casa chorando e disse: “Irmã Nilza - ela já era presidente -, a praça está cheia de gente do IBAMA, de metralhadora em punho”. Eu também deixei o chinelo e corri num sabe. Cheguei lá e não conhecia ninguém. “Joana, me apresenta?!”. Joana já conhecia alguém e me apresentou. Hoje somos grandes amigos, mesmo. Eu chego lá e me sinto em casa, no IBAMA. Aí eu chamei: “Meu filho, vem cá”. Os chefões. Cada homem enorme. Eu disse: “Olha, eu vou ser muito franca com vocês. Na minha concepção, quem enfrenta uma classe marginalizada, massacrada como o pescador de metralhadora em punho pra mim só tem um nome: Medo”. Eu fui afoita. “Como vocês fazem isso?! Vocês avisaram? Vocês fizeram um programa de preparação para o defeso do camarão?”. Não fizeram nada. “Agora isso não vai ficar assim não!”. No dia seguinte eu fui com um grupo de pescadores e nós fizemos uma reunião, e as mulheres na frente. Fomos ao IBAMA. Era Simão, depois se tornou um grande amigo, era superintendente, e aí foi um debate muito sério, num sabe, ele dizia: “Lei é lei!”. E eu dizia: “Lei é lei, mas o homem está acima da lei”. Aí começou o debate. Não houve descompostura, mas houve muita dureza dele. Ele segurava e eu segurava. Aí ocorreu uma coisa muito interessante. Quando eu vi que ia perder terreno, pois ele estava irredutível em devolver as redes e continuar fazendo as sindicâncias. Então, eu estava muito tensa e comecei a chorar. Chorava copiosamente. Aí amoleceu o homem. Ele levantou-se e disse: “Irmã Nilza, pelo amor de Deus!”. Eu disse: “Eu choro porque você é pela lei e eu sou pelo homem. Você quer cumprir lei, você quer status - e chorando - , você quer prestígio e eu quero defender... muita criança vai morrer de fome, muita mulher vai morrer de fome”. Aí foi e nós começamos a entrar num acordo. Ele não devolveu as redes, mas não fez mais. E nos anos seguintes já melhorou. Eles fizeram uma pequena campanha de conscientização. Quando foi no mês de janeiro, eu bati lá pra lembrar.

Cristiano Ramalho: Diante de tudo isso que a Senhora falou, do passado e presente, qual seria o principal papel da Colônia, hoje? O que a Colônia tem que fazer em relação ao pescador e pescadeira?

Irmã Nilza Montenegro: Olhe, hoje é primordial, é indispensável a continuação do trabalho de conscientização, que ainda falta muito; e continuar fazendo o que vem fazendo: apoiá-los nas lutas e ajudá-los a resolver seus problemas junto ao IBAMA, junto ao INSS. Um trabalho muito bonito que Joana faz. As marisqueiras todas são analfabetas e todos os meses elas desfilam na Colônia pra Joana preencher seus carnês. Mas o primordial é o trabalho de conscientização, pois sem conscientização eles e elas não podem caminhar.

Cristiano Ramalho: Irmã, eu obtive uma informação de que o CPP está passando por uma fase de estruturação, até mesmo de certa dificuldade, mesmo. Até que ponto isso é

verdade?

Irmã Nilza Montenegro: Olha, eu não posso nem lhe responder essa pergunta, porque eu ando um pouco afastada por motivos vários. O que eu posso lhe dizer é que o CPP continua lutando pra se afirmar e continuar o trabalho que tem com os pescadores, pois eu não tenho condições de entrar em pormenores.

Cristiano Ramalho: Voltando a Colônia de Itapissuma. A entidade em Novembro estará completando 70 anos⁴³, e nesses 70 anos qual o fato que marcou e definiu a Colônia desde que a senhora chegou lá em 3 de março de 1975?

Irmã Nilza Montenegro: Eu acho que a organização da Colônia de Itapissuma, porque, com orgulho mais humildemente, é a Colônia mais bem organizada do Brasil. Eu digo pelo fato de que não sou eu que estou fazendo é Joana, pois se fosse eu acho que eu não diria não, mas é Joana. Então, pra mim é a Colônia mais bem organizada do Brasil, e é a Colônia que dentro de sua pobreza oferece mais assistência ao pescador. Assistência real, não é assistência financeira, assistência real e humana. Somente um exemplo: se morre um pescador, Joana, no mesmo dia ou no dia seguinte, vai à casa da viúva confortar e orientar pra conseguir pensão. Isso é que é importante.

Cristiano Ramalho: E o trabalho junto às marisqueiras... e o trabalho da senhora foi o que gerou tudo isso.

Irmã Nilza Montenegro: Não, mas isso daí... eu fui um instrumento, meu irmão, eu fui um instrumento, Deus utiliza... tem na Bíblia... Deus utilizou-se da burra de Balaão pra falar (não sei se realmente ela falou, pode ser uma coisa simbólica), mas eu me considero quase que uma burrinha de Balaão. Deus me utilizou, e eu fui um instrumento nas mãos de Deus. Eu fui um instrumento, porque me coloquei integralmente nas mãos dele.

43 Fundada em 10 de novembro de 1927, a Colônia de Pesca Z-10, do município de Itapissuma, foi a primeira entidade de pescadores surgida no litoral norte de Pernambuco. A primeira Colônia de Pescadores surgida no estado foi a do Pina, no Recife (RAMALHO, 1999).